



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XX — N.º 498 — Preço 1\$00
13 DE ABRIL DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PACO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Páscoa

«Ao romper da aurora do primeiro dia da semana a seguir ao sábado, Maria Madalena e a outra Maria foram visitar o Sepulcro. Nisto, sentiu-se um grande tremor de terra, porque o Anjo do Senhor desceu do Céu, aproximou-se, afastou a pedra do sepulcro e sentou-se sobre ela.

O Anjo irradiava Luz como os relâmpagos e o seu vestido era branco como a neve.

Aterrorizados, os guardas ficaram como mortos.

Então o Anjo dirigiu-se às mulheres e disse-lhes: Não tenhais medo! Eu sei que procurais Jesus, Aquele que foi crucificado. Mas Ele já não está aqui: Ressuscitou como tinha predito».

É nesta linguagem cheia de simplicidade, que S. Mateus nos conta como foi a Páscoa de Cristo. Páscoa quer dizer «passagem do Senhor». Passagem do estado sofredor e mortal para o estado glorioso.

A Páscoa de cada um de nós, à semelhança da Páscoa de Jesus, deve ser também uma mudança de estado. Para o cristão não terá sentido a Páscoa se não for a passagem do estado de pecado — que deve ser um tormento — para o estado de Graça.

Para todo o homem a Páscoa devia ser a passagem de um estado sofredor para a felicidade.

E há tantos irmãos nossos que não podem saborear as alegrias da Ressurreição porque por eles não passou o Senhor! E só por onde Cristo passa há

Visado pela
Comissão de Censura

verdadeiramente Páscoa.

A Obra da Rua tem levado a Ressurreição a muitas almas, a muitos lares, a muitas terras.

Que a Páscoa de 1963 traga aos homens um pouco daquela felicidade que eles tanto procuram.

P.e Manuel António



A Páscoa em Lever, não será somente comemoração histórica, haverá ressurreições actuais.

Ó maravilha sem par! É longa mas não resistimos à tentação de a publicar integralmente para que todos vejam Deus no seu lugar.

Leiam.

«Caros amigos:

Sou um dos assinantes do Famoso: O número não interessa, muito menos o nome. Sou um de entre muitos.

Todos os anos, tenho tido por hábito, quando na actualização da minha assinatura, escrever-vos umas breves palavras. Palavras que sempre foram sinceras.

Este ano e quando me foi possível, vi-me forçado a entregar a importância da minha assinatura no Montepio, sem qualquer palavra. Isto porque todos os minutos me eram preciosos para o meu trabalho. Mas creiam-me que foi indisposto que assim procedi. Fazer a entrega do que devia mas friamente, como se se tratasse de uma dívida vulgar, não está certo.

Sei que vos interessa acima de tudo saber os resultados da v/ obra. Aqueles que obtêm talhando e ensinando os ho-



Uma Carta

mens de amanhã que estão a v/ cargo, mas também os que resultam dos v/ exemplos, da leitura do n/ jornal.

E acreditem: estes últimos não se vêem, mas não deixam de pesar bastante na balança.

Sou um dos v/ leitores, felizmente, e sou alentejano. Alentejano de nascimento, pois tenho levado a vida noutras paragens. Em breves estadias na minha terra, muito tenho sofrido por tudo aquilo que, na parte espiritual, por cá se passa.

Sangra o coração ver a descrença cada vez maior, o afastamento, que aumenta dia a dia, da Igreja de Deus. Que obra tão poderosa salvar aquelas pessoas e aquelas mulheres.

Mas, só pergunto: de quem a culpa?

Por isso, tudo o que fizerdes

por aquela Província, será como que um saciar a sede a estes perdidos no deserto.

Quanto ao Totobola, creiam que vos apoio incondicionalmente. Mas, infelizmente, nunca acreditei no bom termo dos n/ desejos. Os homens só olham ao dinheiro. Dinheiro que aplicado dê prazer, ou satisfação à sua avidez de bem estar, na indiferença para com os outros.

Mas, nós cremos em Deus. As nossas migalhinhas valem muito. São produto do nosso trabalho, vêm acompanhadas de muito amor. E trazem, também ou antes, são também os n/ agradecimentos a Deus, por o que nos tem feito.

Olhem sempre de frente, e por favor avancem, não tenham medo, pois Deus vela por

Cont. na pág. QUATRO

UM DONATIVO

Foi por uma carta do Patriarcado de Lisboa que a notícia nos chegou. Recebera-se ali uma transferência do «Hong Kong-Shanghai Bank», na importância de 954.501\$45, com o pedido de entrega da referida importância às «Obras do Padre Américo» e da celebração de 30 Missas por uma alma.

Tudo anónimo. Tudo silencioso. Nós nem imaginamos quem possa ser. Tampouco o doador pediu fosse o que fosse além das trinta Missas, nem sequer que lhe acusassem a recepção.

A importância não tem aqui outra importância que não seja a medida da coragem e da confiança de quem deu.

Medida da confiança... — Não se dá tamanha quantia a quem se não julgue capaz de a receber.

Medida da coragem... — É

tão humano desejar-se ser agradecido por aqueles a quem fizemos bem! É tão humano!...

Que, logicamente, é sobre-humano, tem algo de divino, a força capaz de tal renúncia.

Nós não imaginamos quem fosse. Nem queremos saber, senão um dia, quando tudo o que ora está oculto for conhecido, assim como nós conhecemos Deus, Bondade Incrível, que a bondade dos homens reflecte.

E, ao silêncio, à discreção, à tranquilidade sobrenatural com que o doador fez este gesto, nós correspondemos com igual domínio de emoções.

Só uma razão havia na verdade para nos abismar, mas essa já nos não espanta de tantas vezes encontrados com ela, neste ordenar da Providência desordenaria de Deus, de que a Obra da Rua é um documento vivo. Sim, só Ele é grande, só Ele é Altíssimo, só Ele é Senhor e, por isso, só Ele é digno de toda a honra e toda a glória. Os homens glorificam-se, glorificando-O. E nem é preciso que o façam a solo. Podem, e é melhor, que o façam no grande coro dos de boa vontade, aos quais Deus dá a sua Graça e a não deixa estéril. Por isso nem imaginamos, nem procuramos, nem queremos saber quem foi: Deus é a derradeira causa de todas as causas boas!

Mas há motivo maior para nos admirarmos do que do próprio facto de um tal donativo: É a oportunidade dele.

P.e Baptista revelou, ainda há pouco, de como uma celebração Fundação o recebeu quando ali foi por amor ao doente incurável.

O Património dos Pobres, não recebeu o ano passado qualquer auxílio oficial. O Totobola, até ver, também nada lhe deu. O Povo anónimo, esse sim, marcou a sua presença habitual, como se a quantia com que há alguns anos vem subcrevendo esta Obra segunda na Trilogia das Obras de Pai Américo, fosse uma renda estritamente devida.

Cont. na pág. DOIS

★ BELEM ★

De todo o coração pedimos a Jesus Ressuscitado alegres e santas Festas Pascas para todos os nossos Amigos e Benfeitores.

Desta vez é um feixe de notícias, qual punhado de amêndoas da Páscoa. Umhas mais doces, outras de paladar mais forte e ainda outras acusando mistura de ervas amargas.

Não admira, que elas foram temperadas e cozinhadas ao longo de toda a Quaresma...

Festa em Viseu — Já todos falaram do seu pelouro, só eu tenho andado muito caladinho.

Gratíssima aos Gaiatos e seus Padres por quererem a todo o pano vir até cá dar um empurrão dos valentes. Porém, as coisas não estão tão fáceis como podia parecer, à primeira vista.

Primeiro porque, a respeito de Casas de espectáculos, estamos em Viseu muito mal. Nenhuma, para já, em condições de servir. É pena! Viseu bem merecia uma boa casa de teatro além do «Cine Rossio» que não tem palco.

Salões há vários, a começar pelo Ginásio de Viseu, que comporta umas 700 pessoas. Estou certa de que conseguiríamos licença para lá dar a nossa Festa.

Mas há outro impedimento da nossa parte que é a falta de quem trabalhe. Conquanto a Festa seja dos Gaiatos, as Belenitas terão de tomar parte importante na dita. Ora eu não tenho tempo disponível nem energias que cheguem para tomar à minha conta ensaios, propaganda e todas as demais actividades necessárias à vinda dos Gaiatos e realização da Festa.

Casa Nova — Andamos há muito de mudança que ainda não terminou, e por várias razões.

A primeira é que tem feito muito inverno e estamos debaixo de telhas.

A segunda é a variedade de problemas para resolver que a dita mudança levantou, sendo muitos de tratar na cidade, de que a primeira casa fica mais perto.

A terceira e mais importante é a falta de pessoas inteiramente devotadas à Obra. Se pesarmos bem as circunstâncias em que Belém atingiu o desenvolvimento dos seus quatro primeiros anos de existência, temos de aceitá-lo como milagre do Alto. Rezemos pelas que não-de vir, das quais, algumas, talvez a esta hora, já cá devessem estar.

Quinta — Os trabalhos agrí-

colas na quinta estão por nosa conta desde Janeiro e têm decorrido normalmente. É este mais um problema a juntar a tantos outros com que quebramos a cabeça. De início são só despesas, com o pessoal, com sementes, com adubos, etc.

A medida mais importante até agora tomada com o cultivo da quinta foi a plantação dum pomar de macieiras de boa qualidade que ocupa cerca de metade da superfície cultivada. Dá assistência técnica a Estação Agrária de Viseu.

Venda do Jornal — Foi-me sumamente penoso tomar esta decisão, mas não há outro remédio: as Belenitas vão deixar de vender «O Gaiato» na cidade. Últimamente têm andado muito sós, por falta de quem as acompanhe. Tenho-me inquietado com isso, pois são meninas e não se pode facilitar. É verdade que elas encontram por lá muitas pessoas amigas e de boa formação, que as acarinham, estimulam e orientam. Gostam de as ver a vender e estou certa de que o seu afastamento lhes trará desgosto. Mas não está nas mãos dessas pessoas, que passam e vão à sua vida, nem nas minhas, evitar que outra gente as desorienta com a sua incompreensão e apreciações malévolas. Só este comentário, para exemplo, ouvido por três das mais pequeninas vendedoras: «Vão mas é para casa e digam lá à senhora que os venha vender ela...».

Com a mudança para a Casa Nova, que fica mais distante, a situação agrava-se. Im-

possível mandá-las sós e deixá-las andar por lá durante toda a manhã, para só regressarem a casa perto das duas da tarde.

Temos pena, pela decepção que vamos causar a tantas pessoas amigas, mas também esperamos que todas as que ainda não assinam «O Gaiato» passarão agora a assiná-lo. É tão simples! Só escrever o nome e direcção na lista que vai junta ao presente jornal e enviar para a Casa do Gaiato — Paço de Sousa. É que a Sagrada Família lhes pague todo o carinho e apoio dispensado até hoje às vendedoras.

Quando houver em Belém alguém que possa dispôr do tempo suficiente para as acompanhar no giro da venda, então é possível que esta volte a efectuar-se, para proveito e satisfação nossa e também dos nossos amigos.

Por hoje mais nada, que falta o «espaço vital». Fica a nota das presenças para o próximo número.

As pessoas que estão em cuidados com a nova direcção informo que serve a antiga. Nada se perderá, descansem! Mas, se preferirem, escrevam para:

Casa das Belenitas — Vildemoinhos — Viseu

Inês



★ FACETAS DE UMA VIDA ★

Estamos em vésperas da ordenação sacerdotal. A carta é remetida de Coimbra, Junho / 1929 e dispõe a essência e os acidentes da sua primeira Missa na terra natal.

É um ordenamento de simplicidade e interioridade, na linha daquelas cartas já publicadas, chamando o irmão a realizar a grande descoberta que ele havia feito — Deus — e que tão profundamente desejava comunicar: «Haveis de ser meus».

«Nos fins do próximo mês de Julho, em dia que oportunamente direi, conto, passando por ahi, celebrar uma Missa à beira dos n/Mortos na presença dos vivos, — e é meu desejo distribuir a todos os Irmãos, na ocasião, parte da minha Hóstia! Hei-de escrever-lhes a seu tempo, mas, no teu caso, acho mais acertado fazê-lo com esta antecedência, a fim de que tu te prepares convenientemente numa ou mais palestras com um sacerdote inteligente e virtuoso, acerca do caso. Eu desejo que este acto de comungares comigo à minha primeira (ahi) Missa, seja, da tua parte, um acto livre, inteligente e consciente e sobretudo que seja uma verdadeira transformação na tua vida. Esta é a razão pela qual te proponho a dilatada antecedência».

A Missa, como já disse aqui ao P.e José, há-de ser íntima e muito recolhida e não de festa e nem com festas. Por isso, se tu vires que o teu abade procura qualquer sinal exterior de entusiasmo para essa ocasião, peço-te desde já o favor de o dissuadires de tal coisa: Será a hora matutina e conveniente, afim de que os nossos irmãos e as pessoas que assistirem, não percam o dia de trabalho. Isto desejo eu, com muita solidão, recomendar aos teus cuidados.

Américo».

UM DONATIVO

Cont. da 1.ª pág.

E até as Casas do Gaiato, especialmente as do Sul, conheciam algumas dificuldades. E Paço de Sousa via os grandes encargos com obras e equipamento, com alguma preocupação.

Eis a resposta do Céu: Um anónimo, de uma só penada, di-la em silêncio eloquente, co-

mo os grandes não podem ou não querem ou não sabem dizer.

Nós assim tomámos este donativo, na sua oportunidade, como expressão da solicitude e da vontade do Senhor, que é Pai.

E por isso assim distribuímos:

1) Com o que passava dos novecentos contos acrescentámos ao Fundo Social dos Rapazes da Casa do Gaiato, algo de pauperado pelos muitos que têm entrado na vida e no seu lar e a ele vêm pelo seu aforro de vários anos e por uma lembrança de casamento.

2) Quinhentos contos reservámos ao Património dos Pobres. Com os pedidos à espera de despacho por falta de verba e com o movimento presente de construções, depressa os gastamos. Mais graças a Deus, por nos ser possível pôr a vida em dia!

3) Os quatrocentos sobran-

tes dividimo-los igualmente: por:

— Beire, onde P.e Baptista pode pensar no mais urgente do equipamento médico, posto os 100 contos não cheguem a um terço do necessário.

— Paço de Sousa, permitindo-nos trocar o nosso velho tractor após 8 anos de trabalho duro em que se ganhou várias vezes; e calar a aspiração dos nossos tipógrafos que há muito suspiravam por uma «Minerva» Heidelberg. Claro que este quinhão não chegou senão para «o pontapé de saída», ficando-nos por amortizar suavemente quase outro tanto.

— Tojal, onde P.e José Maria, tão solitário naquela Lisboa de muitas gentes, tão solitário por entre o clero, nobreza e povo, pôde pôr em dia a sua vida ordinária, mantendo-se embora o grande compromisso, que ainda lhe pesa, do resto da impressora ultimamente comprada.

— Setúbal, dando a P.e Acílio a oportunidade de liquidar todos os seus débitos do ano anterior, e guardar uma pequena maquia para a construção do Lar da cidade, a que brevemente contamos dar início.

Eis aqui a razão da confiança de quem nos deu. Eis também a nossa confiança que, recebendo tão avultado e prestável donativo, continuamos a guardar a nossa fundamental riqueza:

«Os padres da rua são mendicantes; padres pobres ao serviço de uma Obra pobre.

(...) É proibido aceitar heranças por testamento.

(...) Sabemos que, pelas riquezas, viria, naturalmente, a cobiça; e por esta a intromissão. Acabariam na Obra os

★ TRIBUNA de Coimbra ★

Ainda nada dissemos de como correu a nossa festa.

Estas duas semanas foram de sabor alegre. Nas ruas de Coimbra os amigos param e felicitam. Mais razões temos nós para felicitar os que foram ou quiseram ir e todos os que colaboraram para que a festa fosse.

Em primeiro plano está o acolhimento inqualificável de bondade dos empresários do Avenida. A simpatia de todo o pessoal auxiliar. A boa vontade de todos à porta de quem batemos por causa da burocracia. A generosidade dos piquetes da P. S. P. e dos Bombeiros. A amizade dos jornais da cidade.

Foi tudo o que um dos nossos rapazes, ao serviço da Pátria numa das Províncias Ultramarinas, deseja na carta que vais ler.

«Mais uma festa se vai realizar no Avenida. A primeira a que não assistirei de há anos para cá. Deus assim o quis. A Pátria assim o exigiu. E eu aqui estou dando-lhe o que de melhor lhe posso dar: a minha mocidade. Já lá vão quatro longos anos. Mais meio ano, e tenho fé em Deus que a minha missão estará cumprida. Nesse dia em que mais uma vez a gente de Coimbra, o bom povo desta cidade estará no teatro Avenida, mostrando todo o carinho e amor para com os Gaiatos, eu daqui, destas distantes terras, filhas da Mãe Pátria, tão portuguesas como essa sempre linda e moça cidade de Coimbra, estou com todos. Em espírito e saudade estou com todos.»

Que tudo corra como de costume e que mais uma vez a cidade saiba corresponder aos verdadeiros anseios desta festa, desta reunião, porque mais não é do que umas horas passadas entre amigos, num ambiente acolhedor e verdadeiramente familiar.

Para todos o meu grande abraço de amizade. Para si um grande, enorme abraço deste seu que mui respeitosamente lhe beija as mãos.

Materialmente a festa deixou-nos dezanove contos e mais cinco e tal para o Calvário. Mas cada um que assistiu ficou com mais valor na sua alma.

Por tudo seja louvado o Senhor.

P.e Horácio

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Setúbal

Os Pobres são a nossa riqueza, o nosso tesouro. «On-de estiver o teu tesouro aí está o teu coração», diz o Senhor. Por causa deles e da sua vida negra transmiti-mos riqueza aos nossos leitores e aprendemos algo do Homem das Dores. Eles são o motivo do nosso convívio, estabelecem na Igreja Viva algo que se chama Comunicação dos Santos.

Ele há dias em que a proci-sião é de manhã á noite e cada um traz razões para um S. O. S.. Eu sei cada vez melhor que a minha capacidade é nula para os ajudar. Até dor de cabeça me ajudam e não os aborreci porque o Senhor tem estado comigo e me lembra sempre: «Olha que sou Eu». Mas sei também que não estou só. O Cristo Místico é uma realidade viva na sociedade actual. O seu estímulo é de um conforto suave e de vigoroso encorajamento. Ele aí está pela pena de uma RAPARIGA. Não mudo nada, nem acrescento à sua carta. Tenho receio de adular.

«Senhor P. e Acílio:

Ontem peguei no «Gaiato» e caíram-me os olhos sobre as suas palavras relativas àquela família, que — não tem tantas outras — não como casa. Fiquei admirada e chorei. Enfim, mas isto são desabafos... Nada remedeio. V. sim, pode remediar muito com os seus desabafos impressos no nosso jornal, porque têm eles o poder de abanar a sensibilidade dos leitores. Faz bem, desabafa sempre.

[Eu tinha aqui um pequeno mealheiro que em princípio se destinava a comprar qualquer objecto — um anel, um rádio ou outra coisa que pudesse satisfazer um sonho de rapariga que sou. Mas agora já não quero comprar nada com esse mesmo dinheiro, porque li o artigo de V. e quero mandar o conteúdo do meu mealheiro para ajudar a resolver o problema dos nossos irmãos a que se refere. É muito pouco mas talvez pague algumas telhas da casa que os há-de abrigar e tem valor diferente porque representa algo das minhas renúncias.

pelicanos e entrariam os administradores dos bens, em detrimento do bem do Rapaz. É a traça».

E é por isso que seguimos sobrenaturalmente simples e tranqüilos, como se nada fosse, porque sabemos que as necessidades justas sempre Deus as resolverá em beleza no coração dos homens.

O sentimento do Amor é inesgotável e vai ver que o Senhor há-de deparar-lhe meios para resolver o problema dos nossos amigos como aconteceu com o caso da Senhora cancerosa. Vou incluir essa intenção na minha oração de cada dia e Ele ouvir-nos-á não obstante a nossa indignidade.

Segue um vale. Quero que vá hoje porque é o aniversário da passagem da minha avó para o Senhor. Peço a V. se lembre da alma da Avó Assunção no «memento» da sua próxima Missa. Obrigada.

Perdoe que lhe tenha roubado tempo com esta carta. Obrigada pelos seus ensinamentos».

(O sublinhado é nosso)

O vale é de setecentos e vinte escudos.

Outro cartão de uma estranha e quase portuguesa: «jun. uma nota de mil escudos para ajudar algum desses Pobres que vivem em tanto desconforto, do que no fundo do coração nos envergonhamos».

Rezei pelas intenções pedidas.

Outra «Para me desobrigar perante o delicado caso que V. refere no último artigo, aí vai essa migalha a que outras se juntarão. Espero em Deus que a solução deste caso o alegre e conforte». Um vale de duzentos.

De uma doente do Carumulo: «Envio esta pequena importância para o casal dos 6 filhos; quanta pena tenho de ser tão pouco. Que a casa deles seja uma realidade. Eu rezo e sofro». Vinte escudos.

Eu peço-lhe a sua benção de doente!...

Mais outra de tanta beleza que não publico mas que guardo para meditação. É de outra doente que pede ao Senhor resignação e pede que eu peça e está já a arranjar roupinhas para o sétimo filho daquele casal.

Tenho-A presente.

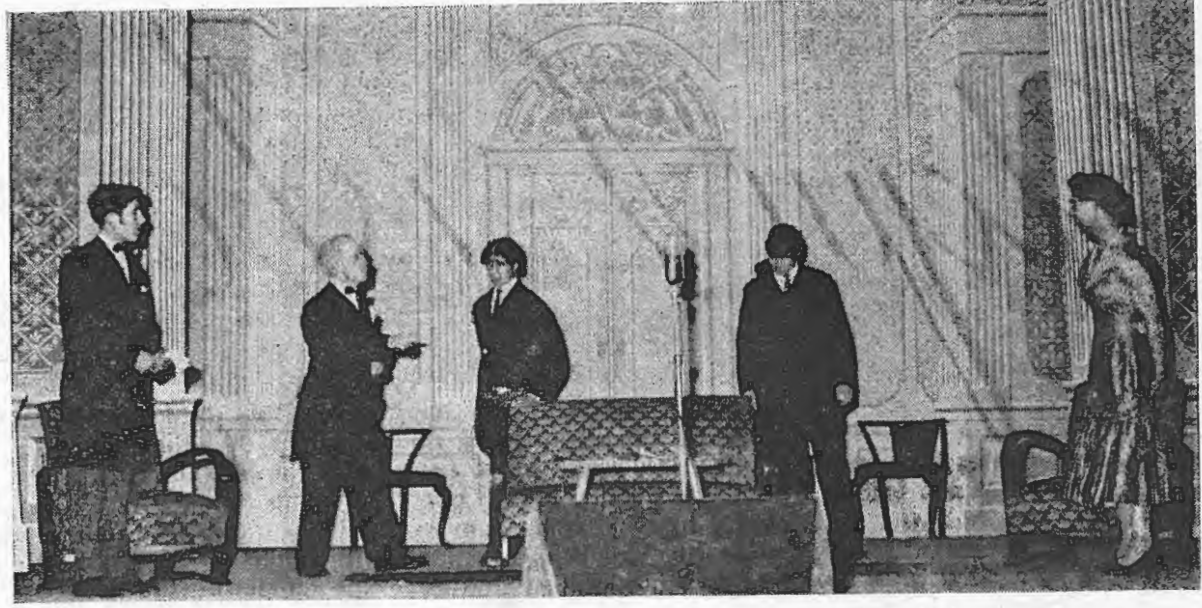
A doença capacita-nos para receber riqueza. Outra carta de Rosalina, uma doente que me pede a benção, uma Avé-Maria e se reconhece grata.

«Li a vossa notícia no último Gaiato e aquele caso da família da barraca de madeira fez-me chorar. Não sou rica porque se o fosse com o que sinto no coração...»

Do Porto, pela conversão de um chefe de família em letra já conhecida, vem Jesus com cem.

Lê de joelhos ou então no fim de leres ajoelha comigo e crê. Benditos os Pobres!...

P. e ACÍLIO



O Grupo Cénico de Paço de Sousa no Coliseu do Porto.

PAÇO DE SOUSA

A NOSSA FESTA NO COLISEU

Dizer-vos, leitores amigos, o que foi a nossa festa, seria desproporcionado, de tão bem que correu.

Ela foi integralmente feita por nós gaiatos grandes e pequenos. Todos tinham missões e elas cumpriram-se com satisfação.

Uma sala cheia, quente e carinhosa, acolheu-nos. O espectáculo ia começar.

Júlio fala ao abrir o pano. Lembra, com saudade sempre presente, o nosso Pai Américo. Recordava ainda as obras que por suas mãos, Deus fez nascer. As Casas do Gaiato, o Património dos Pobres e o Calvário.

O Grupo Cénico exibiu-se a grande altura, em «O Barão de Marvila». Todos os actores agradeceram, no final da peça, os aplausos da vasta assistência.

PELAS CASAS DO GAIATO

Com a representação desta comédia, preencheu-se a primeira parte.

Ao fim do dia da segunda, Senhor Padre Baptista faz calar fundo no coração de todos com a apresentação do Calvário. Ele mostrou como vive ainda, neste século das velocidades e dos foguetões, o nosso irmão Pobre. Aquele que, por doença incurável, já não tem lugar nos hospitais, e morre ao desamparo. Mostrou-nos uma menina que, com 14 anos, apresenta o corpo de 4 ou 5! E porquê? Pela necessidade de carinho e amor de família.

Depois da emoção que pairou na sala do Coliseu, voltou a alegria a começar a parte variada com as representações das nossas casas do centro e do sul.

Todos, e mesmo todos, sem excepção, se apresentaram condignamente. Desde o conjunto típico de Setúbal, passando pelos «três gatinhos» do Tojal, até Miranda do Corvo, com «Perigoso e Barbosa» mais a companhia.

E eis-nos na parte final, a da apoteose, que coube a Paço de Sousa. Cantaram com muito agrado, os nossos 3 gaiatos de cor angolano: Fernando, Faustino e Constantino. Seguiu-se o sexteto em «Verde Campina» e «Vagabundos».

E vieram os reis da festa e sua surpresa. Ela havia sido anunciada para fecho do espectáculo. E fechou com chave de ouro. Que o diga a multidão anónima de amigos que aplaudiram sem cessar, as diversas actuações dos nossos «batatinhas». Mas o delírio foi, quando eles, cheios de categoria, começaram a dançar o twist. Foi o fim do mundo com ovação. Não se desmancharam, mesmo quando começaram a chover no palco os já tradicionais rebufados, soltos e empacotados. Foi uma alegria sã, a nossa festa!

Ainda antes de fechar o pano, a «chusma» de malta apresentou-se com os nossos Padres, para Senhor Padre Carlos, ainda com satisfação estampada no rosto, dar graças a Deus pelo êxito da festa, e agradecer a todos a sua comparência e aos

donos da casa e empregados a cedência daquela Sala de espectáculos.

De todos os colegas, vai uma referência especial para o nosso Américo. Ele foi a alma artística da festa. Ele sonhou e fez executar nas pernas pequeninas dos nossos «batatas» o tão aplaudido twist. Eles brilharam.

— Já me chegou aos ouvidos nova surpresa para a nossa matinée no Coliseu, a 7 de Abril. Eu não sei. Até lá espero como os demais amigos que lá aparecerão.

Manuel Pinto

SETUBAL

ECOS DA NOSSA FESTA. — Quem há que não vibrou com ela? Antes, já era uma sensação. Dentro e fora,

TOJAL

FESTA NO MONUMENTAL — Decorreu com muito agrado a reunião Familiar que tivemos no Cinema Monumental com os nossos Amigos de Lisboa. Vimos com prazer, caras novas, certamente trazidas por velhos amigos, o que nos leva a adivinhar que, para o ano, se Deus quiser, mais amigos teremos, trazidos por estes que agora nos viram. É assim a conquista. Assim é o amor de que a nossa comunidade necessita.

As duas horas de que dispúnhamos para conversar, foram bem aproveitadas e o orfeão começou por



sentia-se bem. O pulsar de almas e corações. Os nossos Zé Maria mais o «Barba russa» andaram por lá a vender bilhetes. Eles já conhecem os nossos amigos, e sabem onde e como somos amados. Almas eleitas sabem bem do amor que devem ao rapaz e à Obra. Por isso vibram nessa amizade.

As nossas festas são sempre uma confraternização, o contacto do sentimento desta amizade. Elas são sempre um bem: é o abrir de almas que se preocupam em amar-se servindo.

O LUISA TODY recebeu-nos de braços abertos. Senhor Padre Acílio disse da simpatia da Direcção do Teatro. Senhor José foi sempre incansável na montagem de cenários. Gente de trabalho que colaborar com o que podem. E neste colaborar é que está a força do Amor que esta gente se vai habituando a dedicar-nos.

A sala do Luisa Tody esteve cheia. Todos sentimos o colorido da Festa, e pudemos apalpar o calor que brotava dos corações que nos ouviam e viam.

O ano passado houve lugares vazios, dos que compraram bilhetes e não foram. Ora, nós precisamos que todos estejam presentes. Nós queremos que a Festa seja a comunicação fraternal da Família. Nós amamos dum maneira muito especial o padrão familiar, e por isso queremos saborear sempre a presença dos que nos amam e sentem como sua a grande Família da Obra da Rua.

Ernesto Pinto

dizer o quanto nos satisfazia estarmos junto dos nossos amigos.

Seguiram-se a esta saudação quatro números em género de rapsódia. Foi a vez dos nossos batatas darem a primeira nota de ternura com a apresentação dos 3 gatinhos, Santa Catarina, o Moínho e o Solar. Os aplausos disseram bem quanto estes números agradaram.

Porque a sua festa se realizaria dai a momentos, os representantes da Casa do Gaiato de Setúbal fizeram a sua aparição com o Conjunto Musical de Danças e Cantares.

Muito bem os rapazes de Setúbal se apresentaram!

Parabéns ao Conjunto e a quem os ensaiou. Com eles fechou e bem a primeira parte da Reunião. Quinze minutos depois recomeçou, novamente, com a apresentação da Casa do Gaiato de Lisboa. O Grupo de Futebol saiu-se airoso. Depois o Manuel Preto (Angolano) apresentou 3 números característicos de Angola, com batúque e tudo. Tantos aplausos. Boa disposição. Muita alegria. E a festa continua. É o Chaimhas que apresenta o Zé da Horta. Como sempre, saiu-se muito bem. Cedem os do Tojal para dar lugar aos de Paço de Sousa. Na verdade são eles que mais conseguem agradar, devido à sua maior experiência e habilidade. O Trio cantou de maneira a deixar muito atrás alguns trios da nossa Rádio. «Verde Campina», «Os Vagabundos» e «Quando Calienta el Sol» foram os números superiormente interpretados. Que o digam os nossos amigos alfacinhas. E os

Cont. na pág. QUATRO

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Aqui Lisboa

Ao dar contas de como correu a nossa Festa em Lisboa sinto-me transbordar de gratidão. Muito cedo apareceram as primeiras pessoas a requisitar bilhetes da frente e teve que usar-se muita arte para contentar a todos, pois houve pedidos de vinte e cinquenta deles. Algumas filas dos melhores foram para o Montepio e Ourivesaria 13 porque muitos dos nossos amigos aí gostam de os encomendar. Ao contrário dos outros anos guardámos os menos bons para os vendedores do Gaiato. Receavam-se reclamações, desistências, mas o Manel, o nosso que se vai casar e fica ao serviço desta casa, a tudo atendeu e deu solução. A última

Pelas Casas do Gaiato

Continuação da página 3

Os irmãos filhos do Rei Ginga, que a seguir actuaram com muita naturalidade, também foram merecedores dos calorosos aplausos que lhes foram dispensados no fim de «Calunga» e a «Marcha do Benfica», este número em homenagem aos Bi-Campeões Europeus. Surgem depois no palco os grandes heróis de todas as nossas festas — os batatinhas de Paço de Sousa. Assombrosa a actuação deles. Aproveito a oportunidade para informar a Rádio Televisão Portuguesa que, quando tiver necessidade de um bom programa infantil, venham à Casa do Gaiato que encontram o que querem. Aquele twist dançado pelos batatinhas vale milhões. Atenção pois à RTP.

A Voz de Pai Américo tem sempre lugar nas nossas reuniões. Ele falou. E de que maneira! Silêncio profundo na sala para se não perder uma palavra. Depois foi o Sr. Padre Zé Maria que pegando na palavra de Pai Américo fez sentir a todos a necessidade urgente de se pôr em tudo, Deus no seu lugar. Só assim aquela reunião de família poderia dar os frutos que todos devíamos ambicionar: a Paz entre os povos, — a Paz de Espírito, — em suma: a Fraternidade Universal. Todos compreenderam. Assim todos o realizarem. Deus no seu lugar.

Cândido Pereira

UMA CARTA

Cont. da 1.ª pág.

vós. O Famoso desperta-nos, acorda-nos. O Famoso dá-nos amor e amor recebe em troca.

Mas quem faz o Famoso sois vós. Por isso e para todos os meus agradecimentos. Quero que tenham a certeza que dentro de mim pulsa um coração sincero e aquilo que vos digo é verdade.

Deus vos abençoe».

hora ainda vendeu umas dezenas de bilhetes à porta do cinema. Ora porque isso não é legal, e porque muitos correrão o risco para outras vezes de ficar à porta, que de futuro ninguém se guarde para o fim.

Para que não fosse um espectáculo frio, todos os nossos gaiatos estiveram no palco desde o começo. Talvez até muitos não tenham gostado.

Por mim, embora a ideia parecesse boa, andava com o espírito embotado da azáfama daqueles dias que não deixa fixar a atenção nem apreciar devidamente as coisas. Mas frente a frente é mais familiar. Foi um serão de família — a família dos filhos sem pais, a mais numerosa do mundo! Sentimo-nos ali bem. O vosso calor e interesse no desenrolar das cenas despertou entusiasmo nos rapazes e ao mesmo tempo pena de que nem tudo saísse melhor. Para o ano prometemos mais. Temos já a promessa dos Senhores do Monumental, que quiseram suportar todas as despesas que nos outros anos subiam a quatro contos. A realçar essa simpatia, a dos empregados do Escritório que ainda entregaram duzentos escudos. Para além do dinheiro transparece nestas atitudes muito carinho e amizade pelos nossos rapazes. Creio bem que nisto o Monumental se colocou à frente.

Sentimos nitidamente que Lisboa dá mais um passo no amparo e assistência aos seus gaiatos. Os bilhetes foram quase todos vendidos e as capas à saída quase chegaram a dezassete contos. O encontro de amizade cá fora já parecia não mais acabar. Não se fez propaganda. Não se deitaram foguetes antes da festa. Talvez por isso alguém se tivesse esquecido de vir. Simplesmente houve uma noticiuzinha em alguns diários e nada mais.

Nisto talvez pequemos por defeito. Dado que muitos nem sempre podem estar atentos a tudo o que «O Gaiato» traz, não se dão conta e ficam espantados quando sabem que a festa já foi. Eu tenho relutância a anúncios. São reclames, artificios nem sempre assaz condizentes... Mas até neste ponto os Senhores do Monumental foram mestres. E deram-me argumento definitivo. A nossa Obra é essencialmente cristã e despojada do trivial, fugindo

sempre da publicidade para alcançar os seus fins, dizia-lhes eu. Mas um dos senhores com muita graça, argumentou, num gesto muito significativo: «O sr. Prior, olhe que até para a missa toca o sino. A publicidade é indispensável hoje em dia!» E estou convencido que sim. Sobretudo em Lisboa, onde a agitação da vida e a indiferença imanente faz com que as obras de carácter social vivam muito à margem, a publicidade é necessária. É pois preciso fazer barulho, tocar o sino.

Vamos a ver se com a Festa Tauromáquica que o grande amigo dos rapazes Niza da Silva está a organizar, Lisboa desperta de vez e faz sua para sempre a Casa onde os filhos abandonados, afinal de contas as suas vítimas, se preparam para uma vida séria, e útil a Deus e à sociedade. Obrigado srs. do Monumental, obrigado a todos vós que nos acompanhais com amizade.

P.e José Maria



Se às vezes quando de visita aos Pobres tivéssemos um gravador colocado a um cantinho, quanto ele não gravaria?

Eles rindo de contentes, assim como chorando! Quanto se ouviria!

Assim, vou produzindo como sei, o que eles dizem e o pouquinho do muito que eles precisam.

Vós sois testemunhas dos desabafos, quantas vezes de desespero, dos nossos irmãos prostrados na miséria espiritual, porque na miséria material.

Primeiro enchamos-lhes os estômagos e então depois falemos-lhes de Deus. Eram estas mais ou menos as palavras que Pai Américo citava. Agora somos nós, seus filhos os que sabemos o que é a fome e a dor, que clamamos para aqueles que ainda não tiveram a ventura que nós tivemos. «Encher os estômagos e ouvir a palavra de Deus».

Uns choram-se, mas a maior parte chora e quantas vezes com vergonha de o fazer! Quantas!

Não vai há muito tempo que numa conferência de alto nível alguém citou que a maioria dos homens passam fome. E é verdade! E continuam e continuarão a carecer de pão para a boca, enquanto o mundo não vir que a resolução dos problemas está no amor. «Amai-vos uns aos outros com eu vos ame». E amarmos-nos uns aos outros e princi-

NOTA DA QUINZENA

Tem 28 anos. É casado e pai de dois filhos ainda pequenos — um de dois anos e outro de pouco mais de um ano. Era empregado numa casa de metais, donde tirava ordenado diário suficiente para o governo cauteloso da sua barca.

Tudo corria bem e aquele pai de família, há pouco casado, era feliz com «o pão para cada dia». Dizia ele há momentos: estava a minha vida a correr tão bem... quando me veio esta doença. E apontava os pulmões, estômago e fígado.

Com a doença deixou de trabalhar já lá vão mais de dois anos. A princípio recebia o pouco que a Caixa de Previdência lhe dava, a título de subsídio por doença, e a que ele tinha pleno direito! Mas há cinco meses que mesmo esse pouco lhe foi cortado por «já não ter direito a mais».

E agora? Ele continua doente. Precisa de tratar-se. O senhorio há cinco meses que espera os 100\$00 mensais da renda da casa — também é pobre — e já ameaçou pô-lo na rua.

E a mulher? E os filhos pequeninos? Deitamos as mãos à cabeça e perguntamos aflitos: Como resolver este caso? Como resolver as dezenas ou centenas de casos como estes?

É tão fácil dizer que «nada

temos com isso». É tão cómodo dizer que «já demos uma vez e não damos mais». É tão fácil remetê-los para Organismos Oficiais onde, por vezes, impera a lei fria executada por cabeças à mesma temperatura. Onde a letra da lei se sobrepõe ao espírito da mesma.

Como seria salutar, que o legislador antes de fazer a lei fizesse primeiro o seu estágio em contacto com os problemas e os sentisse em sua própria carne como os sentem aqueles a quem ela se destina! É que há tantos pormenores de real importância que passam despercebidos e que só o contacto real e pessoal, se possível, dará conta deles.

Em nossas andanças por causa dos Pobres temos sentido, por vezes, esta deficiência atenuada em parte, pela mentalidade aberta e esclarecida dos responsáveis pela aplicação da lei.

Mas o problema deste casal está de pé e não podemos, sob qualquer pretexto, deixar de lhe dar a mão. Queremos que não ande de porta em porta a mendigar. Quando chegar a hora de cada freguesia se interessar a sério pela solução dos problemas dos seus Pobres?

Ele foi-se mas em breve voltará porque o seu problema ainda não está resolvido.

P.e Manuel António

Os vossos filhos, vão desgastando as roupas que lhes dais e dada a posição social que muito, de vós, leitores, ocupais não fica bem eles usarem certas roupas e por isso estarão talvez postas a um canto a ganhar bolor. Não deixéis que se estraguem. E se tu não tens, caro leitor, muitos teus amigos têm, e essas roupas que já não servem para os vossos filhos, para a semana, serão o consolo das mães aflitas que não têm sequer que vestir aos seus, ao domingo.

Neste Bairro de S. João de Deus vi muitas crianças nuas e à espera das vossas esmolas.

Alguns patacos que o Pai Carlos me deu e que o chefe do Lar também me dispensou não chegaram a «meia missa».

«Desculpe, fui à missa, ainda não tive tempo de arranjar a casa». Eles ainda não perderam a fé. E se fosse um de nós naquelas condições, caro leitor, já a não teríamos perdido? Acho que sim!

A senhora Catarina Arantes do Bloco C estava contente. E logo que soube da minha estadia ali, aí vem ela, a agradecer a carta que lhe enviamos para o Sr. Governador Civil. É que o marido já tem a cinta que tanto desejava e precisava. Daí o seu contentamento. Também fui a casa dela. E os filhos principalmente estão muito carecidos de roupa. Deus lhes valha!

No bairro velho e do mesmo nome também chamam por nós. O Sr. Eduardo Ventura era já meu conhecido. Mesmo ao pé dele são 4 casas seguidinhas onde a doença pulmonar é senhora. E mais e mais e mais.

Fernando Dias

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes